

OCUPAÇÕES, CONEXÕES E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS ALTERNATIVOS

JÉSSICA BORGES DE LEMOS¹; WILLIAM HECTOR GOMEZ SOTO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – jborgeslemos@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se desenvolveu a partir do projeto de pesquisa “Cidade, vida cotidiana e imagem”, iniciado em 2019. Através da orientação do professor William H. G. Soto. Nessa perspectiva há dois elementos fundamentais: o direito à cidade e a investigação da vida cotidiana. Vamos discutir quanto à organização de determinados grupos sociais que buscam mudar o modelo excludente e desigual de cidade e que em suas práticas sociais, travam uma luta diária pelo direito à moradia. Assim, enxerga-se a cidade como uma construção social, que no decorrer da história produziu um modelo hegemônico, que serve a certos interesses e propósitos, tornando-se esse modelo de cidade capitalista que favorece uns e exclui outros de oportunidades, de acesso e de ter uma melhor qualidade de vida. Ao mesmo tempo, que a partir de uma sociologia da vida cotidiana é possível visualizar uma cidade em disputa, que através de ações coletivas possibilitam a construção de outros espaços. É importante frisar que este trabalho busca uma compreensão da cidade enquanto campo de disputas, disputas por território, por terra, por modos de vida. TRINDADE (2018) afirma que os conflitos sociais podem desencadear transformações positivas, do ponto de vista da ampliação dos direitos básicos de cidadania e da ampliação da democracia, assim como da participação política. Para MARTINS (2008), cada vez mais a fotografia e a imagem se tornam parte do cotidiano das pessoas, tornando-se também um método de conhecimento: conhecer através da fotografia, mas sem deixar de levar em conta a intenção por trás daquele fotografiou. “Em particular na Sociologia, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento.” MARTINS, 2008. Pretende-se através de fotografias observar as mudanças desde a ocupação até o momento atual através de imagens postadas em redes sociais.

2. METODOLOGIA

Através da metodologia qualitativa buscou-se neste trabalho trazer a discussão teórica para pensar a cidade de Pelotas, através de uma ocupação local dentro das possibilidades vivenciadas em um ano de pandemia. Foi através de pesquisa bibliográfica, análise de imagens nas redes sociais Facebook e Instagram da Ocupação Canto de Conexão. A ideia é observar através das imagens fotográficas, levando em consideração especialmente alguns fatores: Estrutura física do local, trabalho e redes de apoio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Sociologia da fotografia e da imagem” MARTINS (2008) trata sobre o quanto a imagem passou a ser algo fundamental na sociedade contemporânea, especialmente através da fotografia. “O “ver para crer” de antigas concepções populares, tornou-se quase um pressuposto para certas orientações investigativas

e interpretativas." (MARTINS, 2008). A imagem que produzimos de nós mesmos, em diferentes concepções e dizem em cada época histórica o que somos. Nessa perspectiva comprehende-se que a fotografia é uma composição entre técnica, arte, intenção e interpretação. LEFEBVRE (2003) concebe o espaço como lugar de produção, assim como produto e produção social. "Na acepção ampla, os homens enquanto seres sociais produzem sua vida, sua história, sua consciência, seu mundo. Nada há na história e na sociedade que não seja adquirido e produzido" (LEFEBVRE, 2003). A produção do espaço social se pode observar nas práticas sociais, onde se constrói e se desconstrói no dia a dia, que muitas vezes são encobertas por trás de estereótipos e de marginalização. A questão da moradia no Brasil é um problema histórico, de concentração de terras e de renda, em um país com alta desigualdade social. Segundo dados do IBGE de 2019, existem pelo menos, 6,9 milhões de famílias sem casa para morar. Enquanto isso, cerca de 6,05 milhões de imóveis estão desocupados há décadas, se deteriorando e trazendo problemas sanitários. "Entender a moradia como direito significa pensá-la a partir da necessidade e do uso(...)" (BOULOS, 2012) Segundo TRINDADE (2018), é possível pensar nas ocupações como autônomas, no sentido de ser extra institucional, o autor argumenta que se tem estudado as formas de participação política vinculadas as instituições, como através do voto, entretanto, existem outras formas de participação política, que engajadas ou não em movimentos sociais confrontam e reivindicam suas pautas. Nas práticas sociais é possível pensarmos para além do institucional, defende TRINDADE (2018) que será necessário ampliar as discussões como a participação democrática através de ocupações, greves e barricadas. Ações que garantem de uma forma direta aquilo que é reivindicado por estes grupos, neste caso, pessoas se unem em prol de assegurar um direito que o estado deveria garantir, mas não garante, o artigo 6º da constituição federal: o direito à moradia. Os movimentos sociais urbanos que lutam por moradia buscam através da ocupação de imóveis, uma distribuição mais justa da cidade, estreitando laços entre comunidades e grupos sociais marginalizados, rejeitando um modo de vida individualista, acumulador e reivindicando uma nova realidade urbana. Defendendo uma outra lógica de moradia e de uso da cidade, em prol de uma ocupação do espaço culturalmente diversa e democrática. Para CAMINHA (2018) nas ocupações crie-se um "espaço comum", um espaço de compartilhamento, de oposição ao consumismo e a especulação imobiliária. Um lugar de possibilidades. Neste ambiente podem habitar em coexistência distintas necessidades, hábitos e utilidades do espaço como moradia, criatividade, trabalho e lutas sociais. É neste sentido, pensando as possibilidades, que se pode observar a potencialidade das ocupações como produtoras de espaços sociais alternativos. É pensando as ocupações como contra-espacos, para além dos espaços normativos, institucionais, espaços que nascem de uma precariedade e da falta de acesso à moradia e a cidade e que por si só surgem em contraposição ao modelo de cidade elitizada e higienista. De acordo com o princípio da função social da propriedade (artigo 5º), o direito à propriedade é assegurado, desde que cumpra sua função social, seja esta de moradia, comércio etc. Os movimentos sociais de moradia buscam legitimidade perante a sociedade através de uma nova proposta de utilização do espaço para fins sociais, culturais, artísticos e assim surgem iniciativas como Casas culturais, cursinhos pré-vestibulares, oficinas de dança, aulas de teatro, de yoga, capoeira, isso além de bibliotecas e hortas comunitárias. Como podemos ver, aponta-se que as ocupações urbanas alimentam e movimentam um fundamental debate sobre o acesso universal à cidade.

Primeiramente gostaria de dizer que este trabalho está ainda em fase de desenvolvimento e não foi possível fazer uma análise detalhada foto por foto, portanto, neste momento, será uma análise geral de algumas fotos encontradas. Conforme MARTINS (2008) é necessário ter em mente que o fotógrafo nunca é neutro, sempre há uma ideia de composição da imagem, tem um sentido, como qual a mensagem que ele gostaria de passar com a foto, sendo a fotografia uma construção. Na ocupação canto de conexão foi possível notar que são pessoas diferentes que tiram as fotos, pois as perspectivas se alteram. O interessante é acompanhar a evolução da ocupação e é através do trabalho coletivo que isso se demonstra nas imagens retiradas do Facebook e do Instagram. O trabalho coletivo se faz presente desde os primeiros dias de acampamento, é possível perceber nas imagens da primeira semana de ocupação (que iniciou no dia 17 de março de 2017). As atividades de limpeza do local mostram uma quantidade enorme de lixo, entulho e cascalho retirado pelos ocupantes do local que estava abandonado. Conforme matéria no jornal Diário da manhã, o local estava sendo utilizado como descarte de roubos e também para a especulação imobiliária desde que o proprietário comprou a casa de um leilão 7 anos antes. Nas imagens podemos observar um esforço coletivo em transformar o local insalubre em local de moradia. O foco inicial foi a revitalização do local com atividades de limpeza e recuperação estrutural do prédio, para tal, através do trabalho coletivo foi possível aos poucos, reformar paredes, pintar muros, para a partir de então construir novos espaços como quartos, cozinha etc. Outro fator importante a ser destacado são as parcerias que compuseram a ocupação: é possível notar através das imagens as “conexões” desde um momento inicial, com faixas do MNLM (Movimento nacional de luta por moradia) e uma faixa com os dizeres “moradia digna, inclusão social e fora temer” assinada pelos coletivos Ocupa UFPEL, Ocupa ich, o MNLM e a Frente negra pelotense. Há uma parceria entre movimentos de moradia, a Frente Negra Pelotense e estudantes da UFPEL. Outro fator que chamou atenção foi a placa colocada na frente do local “proponha uma oficina”, convidando a comunidade a participação. As fotografias mostram bastante a colaboração do grupo no desenvolvimento de diversas atividades como: A horta comunitária, que contou com doações de mudas e ajuda de pessoas de fora da ocupação em diversos momentos, nota-se uma grande preocupação com os cuidados da horta. De 2017 à 2020 é possível analisar que a ocupação passou a ampliar seus horizontes, para além da ocupação de moradia, tornando-se também um centro cultural com diversas atividades relacionadas a música, Graffiti e outros trabalhos artísticos, aulas de capoeira, aulas de dança, aulas de yoga. Em diversas imagens mostram-se eventos culturais realizados no prédio como: apresentações musicais, reuniões e eventos. Em uma imagem aparece o evento “conexão mulheres”, há também o registro de parcerias com alunos e professores da FAURB UFPEL. De forma geral, podemos analisar um esforço de uma construção coletiva contínua em prol de uma transformação do local e de uma progressiva conexão entre pautas, movimentos sociais e outras sociabilidades, conectando de dentro para fora e de fora para dentro. É interessante comparar a análise das imagens com a discussão que as referências trazem de outras ocupações, em outros contextos locais, mas que ao compararmos possuem lutas em comum. Hoje, conforme fotografias recentes, a Ocupação e centro cultural canto de conexão conta com espaços de moradia e também com espaços como biblioteca comunitária, estúdio de música e horta comunitária. Assim, como, busca também através das mídias sociais manter-se conectados com movimentos de moradia e luta pelo direito à cidade e outros movimentos e discussões pertinentes. Durante o período da pandemia foram

observadas algumas lives as quais os membros da ocupação discutiram temas como: moradia, racismo, cultura de periferia, rap e hip hop.

4. CONCLUSÕES

A partir de uma perspectiva teórica que comprehende o direito à cidade como o direito de participar da cidade e de modificá-la de acordo com os desejos e necessidades de diversos grupos sociais. Compreende-se que a produção da cidade é uma produção em constante movimento e que esta produção se dá em duas lógicas: uma lógica reprodutiva, de acordo com um modelo hegemônico, desigual e excluente de cidade. E uma lógica insurgente, produzida por um “contra-modelo” de cidade, através de grupos sociais marginalizados que se unem em prol de um modelo alternativo de moradia e de cidade, que respeite as necessidades individuais e coletivas e que respeite as diversidades étnicas e culturais, valorizando uma cultura de periferia e promovendo através de ações coletivas a autogestão de espaços de resistência. Com a análise das fotos da ocupação foi possível verificar a construção de um espaço coletivo, autogestionado e conectado com outros movimentos sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERS, Rebecca; SILVA, Marcelo Kunrath; TATAGIBA, Luciana. Movimentos sociais e políticas públicas: ideias e experiências na construção de modelos alternativos.
- BOULOS, Guilherme. Por que ocupamos? Uma introdução a luta dos sem teto. São Paulo: Scortecci, 2012. Cap. 1.
- CAMINHA, Julia. Sobre as ocupações urbanas e suas potencialidades como comum. V Coloquio Internacional de Geocrítica - Las ciencias sociales y la edificación de una sociedad post-capitalista. Barcelona, 2018.
- DAMBORIARENA, Luiza. A vida cotidiana em movimentos de ocupação: a relação entre o vivido e o viver. Tese (Doutorado em administração) - Universidade federal do Rio grande do sul, Porto alegre, 2018.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 26, pp. 09 - 17, 2009
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2016.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006
- MARTINS, J. de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PAIS. J. M. Deambulações cotidianas: a emergência de um método na observação dos sem-teto. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 21, 2015.
- SANTOS, Renato. Na cidade em disputa, produção de cotidiano, território e conflito por ocupações de moradia. Cad. Metropole, São Paulo, v. 21, n. 46, pp. 783-805, set/dez 2019.
- 2018.
- TRINDADE, Thiago. O que significam ocupações de imóveis nas áreas centrais? Caderno CrH, Salvador, v. 30, n. 79, p. 157-173, Jan./Abr. 2017.
- TRINDADE, Thiago. Protesto e democracia: ocupações urbanas e luta pelo direito à cidade. São paulo, 2018.